



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**VALÉRIA MARIA DE SOUSA SILVA**

**AFRODESCENDÊNCIA E DIVERSIDADE RACIAL:  
REFLEXÃO SOBRE UMA ESCOLA INCLUSIVA**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**VALÉRIA MARIA DE SOUSA SILVA**

**AFRODESCENDÊNCIA E DIVERSIDADE RACIAL:  
REFLEXÃO SOBRE UMA ESCOLA INCLUSIVA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



S586a Silva, Valéria Maria de Sousa.  
Afrodescendência e diversidade racial: reflexão sobre uma escola inclusiva / Valéria Maria de Sousa Silva.- Cajazeiras, 2009.  
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Preconceito racial. 2. Afrodescendência. 3. Educação inclusiva. 4. Diversidade racial. 5. Educação e racismo. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 316.347

**VALÉRIA MARIA DE SOUSA SILVA**

**AFRODESCENDÊNCIA E DIVERSIDADE RACIAL:  
REFLEXÃO SOBRE UMA ESCOLA INCLUSIVA.**

**Monografia aprovada em 20/02/2009**

*Maria Janete de Lima*

---

**Profa. Ms. Maria Janete de Lima**

**(Orientadora)**

## RESUMO

O referido trabalho científico onde tecemos reflexões sobre o preconceito temas transversais que tem por tema afro-descendência e diversidade racial: Reflexão sobre uma escola inclusiva. Desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Matilde de Castro Bandeira”, Pombal – PB com os seguintes objetivos. Analisar os reflexos e descobrimento da lei nº 10.639/03 na escola, através da prática de seus principais agentes: educadores e educando. Identificar os principais fatores que dificultam os professores a tratar de assuntos relacionados ao preconceito e afro-descendência na escola. Temos como metodologia o estudo de casa, as observações, as aplicações dos questionários para aluno, professores e gestores. Onde abordam o conhecimento de questões relacionadas a ética, solidariedade e o preconceito contra o negro, hoje sabemos que existem várias leis envolvendo os termos afrodescendência e a história do negro no Brasil. Os PCNs apontam para os valores práticos do conceito de desigualdade social, rompendo com o silêncio e a indiferença às diversidades presentes no campo escolar.

Palavras-chave: Afro descendência, diversidade racial, inclusão, preconceito.

# EPÍGRAFE

“Os sonhos são como uma bússola indicando os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar. São eles que nos impulsionam a fortalecer e nos permitem crescer”. ( Augusto Cury )

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONALISTAS  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e paciência e pelas vezes em que o chamei em todos os momentos da minha formação e ao Anjo da Guarda por ter me guiado nas idas e voltas dos meus caminhos.

A minha mãe Maria Eugênia e ao meu pai Joaquim Lourenço, que mesmo com dificuldades, nunca me deixaram faltar nada e pela força e incentivo.

Aos meus irmãos, José, Maria Betânia, Taneide, Elianeide (em memória), Israel, Rony e Vagneriana e em especial a minha avó Francisca (em memória).

A todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica, contribuindo com a minha formação e em especial Janete e Victor Hugo.

A Magna e Jaqueline que são mais do que amigas, verdadeiras anjos da minha vida, obrigada pela amizade sincera e por tudo que aprendemos juntas.

## DEDICATÓRIA

Em especial ao meu Deus, pela força depositada em mim quando eu pensava em desistir, e por ter me ajudado a enfrentar e superar essa batalha.

A Évertom, amigo e companheiro de todos os dias, por também ter participado da realização desse sonho.



## SUMÁRIO

Introdução-----	09
1º Capítulo: Resgate histórico da Afro descendência no Brasil-----	12
2º Capítulo: Afrodescendência e Práticas escolares-----	20
2.1 Principais conceitos para o estudo de Afro descendência-----	27
2.2 Escravidão – Ato de violência do mais forte sobre o mais fraco-----	30
3º Capítulo: A questão dos PCNs na inclusão da escola-----	32
3.1 Educação e racismo no sistema jurídico brasileiro-----	33
4º Capítulo: Percurso Metodológico e Análise dos Dados-----	35
4.1 Metodologia da pesquisa: Estudo de Caso-----	35
4.2 Caracterização da escola-----	35
4.3 Análise dos questionários dos gestores-----	35
4.4 Análise dos questionários dos professores-----	36
4.5 Análise dos questionários dos alunos-----	37
4.6 Análise do estágio-----	38
Considerações Finais-----	40
Referências Bibliográficas-----	41
Anexos	

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é uma exigência do curso de Formação de Professores, Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, onde será desenvolvido na Escola Municipal do Ensino Fundamental “Matilde de Castro Bandeira” no Bairro Vida Nova, Pombal - PB. Tendo como tema afro descendência e diversidade racial: Reflexão sobre uma escola inclusiva.

Costuma-se dizer que ao contrario de outros imigrantes os africanos não chegaram ao Brasil. Foram trazidos, essa foi as concepções que durante muito tempo o estudo da Historia e o livro nos ensinou da chegada dos africanos ao Brasil.

Hoje, a historia tem como objetivo estudar a origem e o desenvolvimento das sociedades humanas, o papel que o negro desempenhou quando foram trazidos para o Brasil. A formações das sociedades, as lutas e sua resistência, que de certa forma foi ficando esquecido pela historia, pelos livros que relatava a historia dos africanos resumidamente.

Reconhecer a historia de vida e sua contribuição para o desenvolvimento da nossa cultura trazida pelos africanos, e que ainda hoje permanece presente na nossa sociedade, é enaltecer a mentalidade, e buscar relações, e tentar captar o sentido das grandes mudanças nos grupos e da humanidade. O conhecimento e a compreensão sobre questões de éticas, solidariedade e o preconceito e tema que o professor pode trabalhar em sala de aula abordando a verdadeira historia do negro. Já que ela é a base de origem e gerações do povo brasileiro.

Muitas vezes a falta de informações não permite aos alunos conhecer melhor a historia e vinda dos escravos para o Brasil sua contribuição no desenvolvimento industrial do país, da importância da cultura dos costumes, que mesmo estando um pouco esquecido foi e ainda continua sendo importante para nossa sociedade.

Trazidos da África para o Brasil, para trabalhar em trabalhos escravos, os negros passaram a lutar por melhores condições de trabalho, formaram grupos juntando-se a outros negros.

Apesar de muita luta pelo direito de viver livre, foi somente a partir de 1880 que surgiu a primeira lei, que seria assinada pela princesa Isabel, onde tornaria todos os escravos livres, dando-lhes assim o direito de viver livre em liberdade para lutar pelos direitos como cidadãos.

Com o passar dos tempos a população negra no Brasil foi aumentando, e hoje à segunda metade da população é negra, mesmo assim o negro não consegue produzir um quadro positivo, os índices da desigualdade é bastante assustador. Para se ter uma idéia ate pouco tempo o Estado Brasileiro não incorporava na sociedade as categorias do racismo e discriminação racial, para explicar o fato que os negros responderam pelos mais baixos índices de desenvolvimento humano, e os brancos os mais elevados.

Esse índice negativo obriga o Estado a formar mais políticas publicas de combate as desigualdades sociais e educacionais, criando em 9 de janeiro de 2003 a lei nº 10.639 atendendo a lei de diretrizes e bases da educação nacional, a obrigatoriedade do ensino de historia e cultura africanas e afro-brasileiras. Hoje existem varias leis, envolvendo os termos afro-descendência e a historia do negro no Brasil. Os PCNs apontam para os valores práticos do conceito de desigualdade social, rompendo como o silencio e a indiferença às diversidades presentes no campo escolar. Segundo os PCNs os termos de natureza ética, bem como a qualidade de informações sobre aspectos de diversidade humanos tanto fisicos, biológicas, social e cultural são importantes para as inclusões e o desenvolvimento de uma sociedade igualitária.

O objetivo geral desse trabalho é analisar os reflexos e descobrimentos da lei nº 10.639/03 na escola, através da pratica de seus principais agentes: educadores e educando.

Objetivos específicos. Analisar o comportamento dos alunos em relação ao tema preconceito, na sala de aula; Analisar quais os conceitos positivos e negativos sobre a afro descendência na sala de aula; Identificar os principais fatores que dificultam o professor a tratar de assuntos relacionados ao preconceito e afro-descendência na escola; Verificar a metodologia usada pelo professor e sua contribuição ao aprendizado de atividades éticas e

solidarias. Identificar a existência de disciplinas História e africana e afro-brasileira no currículo da escola pesquisada.

A metodologia utilizada foi o estudo do caso, as observações que foram feitas em sala de aula e trabalhamos também através dos questionários que foram aplicados com a gestora, quatro professoras e com vinte alunos do 2º ano da Escola Municipal “Matilde de Castro Bandeira” Pombal - PB.

O presente trabalho está dividido em capítulos. No primeiro capítulo iniciamos falando do resgate histórico da afro-descendência no Brasil. Já no segundo capítulo falaremos das relações existentes entre afro-descendência e práticas escolares bem como os principais conceitos para o estudo da afro-descendência. E no terceiro capítulo abordaremos a questão dos PCNs inclusão da escola. E no quarto capítulo encontra-se o percurso metodológico da pesquisa, bem como a caracterização da escola e as análises dos questionários dos gestores, professores e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Matilde de Castro Bandeira”.

## **1º CAPÍTULO: RESGATE HISTÓRICO DA AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL**

Tendo como ponto de partida a indagação sobre o real valor da história do negro, principalmente da África, ela começa bem antes da abolição dos escravos, ou seja, dos séculos XV e XVI.

Se pararmos para pensar sobre a verdadeira história do negro ela começa desde o surgimento até a colonização da África em 1800. Desde então a África criou a sua origem em cima de uma cultura riquíssima que ainda hoje está presente no nosso meio, mesmo ainda tão pouco valorizada.

Com o passar do tempo nos séculos XVIII e XIX tomada pelas idéias preconcebidas e já preconceituosas os europeus achavam que a sociedade africana não tinha capacidade para desenvolver dentro da sociedade européia padrões de comportamento e conhecimento suficiente para o crescimento da Europa, e que a sociedade negra apesar da sua história e da riqueza de cultura, era considerado sem história, sem civilização.

Na verdade o negro da África além de criar a sua própria cultura, construiu também alguns reinados, obra árabe, que serviu para a organização da sua sociedade, tanto cultura como econômica e também família.

Assim com essa visão que os africanos não serviam para atender os seus padrões, os europeus começaram a trazer os negros para trabalhar como escravos, colocados em porões dos navios e transportados em condições desumanas muito desses escravos não conseguia suportar toda a viagem devido os maus tratos, por doenças, principalmente por epidemias, a maioria morreram e depois de mortos eram jogados no mar.

Depois de vários meses no alto mar eles eram comprados por senhores fazendeiros para trabalhar em plantio de café, da cana de açúcar e em outras atividades. As mulheres

trabalhavam como mucamba nas casas dos senhores onde muitas vezes criavam os filhos dos patrões.

Esse sistema escravista durou longos anos, durante muito tempo os negros trabalhavam como escravos para aumentar a economia do país, através de trabalho desumano. As mulheres negras eram obrigadas a servi os senhores, onde sofria violência, passavam dias em troncos expostas a sol forte, passando sede e fome. Não suportando mais tanta violência muitos desses negros fugiam das fazendas a procura de liberdade, e assim começaram a surgir os quilombos, mas a maioria era caçado e trazido de volta.

Mesmo com todo sofrimento muito desses negros consagraram a sua historia de luta por não aceitar a escravidão como Anastácia, por ser uma negra bonita foi perseguida e morta por vários senhores de fazendas. Anastácia foi obrigada a usar uma mascara no rosto, por quase toda a sua vida.

A mulher negra sempre teve seu papel muito importante na luta contra a escravidão, muitas dessas mulheres lutaram nos quilombos, onde se tornavam líderes desses quilombos devido a sua força de luta.

Como rainha Nzinga que muito lutou para ter o seu povo libertado na África ocidental, Dandara outro exemplo de mulher que lutou para ver o fim do regime escravista no século XVII. Entre vários outros nomes como Chica da Silva, Luzia Mahwin e Lilia Gonzales, foi à principal fundadora e inovadora do movimento negro unificado no ano de 1978. Essas mulheres foram exemplo da força feminina na historia tanto da África como do regime escravista no Brasil.

Consideradas até hoje pela historia da escravidão como guerreiras, elas fizeram historia por lutar ao lado do seu povo dentro dos quilombos até a morte. Diferentes das historias em que muitos livros colocam a respeito da historia do negro, onde o primeiro aspecto era a mão de obra escrava. Os negros também desempenharam o seu papel mesmo sendo sofrido muito preconceito.

Com a lei Áurea que tornaria os escravos livres vários negros ainda conseguiram lutar pelos seus direitos, mesmo debaixo de muito preconceito alguns desses nomes como Abdias do Nascimento, Aleijadinho, André Rebolsa entre outros como: Cruz e Sousa, João Cândido, Luiz Goma, Mario de Andrade, Mestre Bimba, Mestre Didi, Mestre Pastinha, Professor Milton Santos e Zumbi que desde cedo aprendeu a lutar pelos seus direitos, de viver livres e dignamente, juntamente com outros escravos tomou-se líder nos quilombos, durante muito tempo os negros viveram em total regime de escravidão. Mas o que não podemos esquecer e que não foram só os negros a ser escravos do trabalho os índios também foram cativos dos portugueses, ou seja, com a chegada dos portugueses ao Brasil os índios também foram obrigados a trabalhar na exploração de terras.

Como não eram acostumados a trabalhar em trabalhos pesados logo os índios também começaram a fugir dos portugueses sendo eles também caçados e mortos por cães e fuzis, muitos índios adquiriram varias doenças como a gripe e outras doenças, trazidas pelos próprios europeus.

Essas lutas frisaram uma consequência gravíssima que foi a redução dos índios e a busca dos africanos para substituir o trabalho escravo. Todo esse trabalho tinha um objetivo o aumento da produção de renda. Foi ai que surgiu a primeira semana de estudos sobre a historia da África. Osvaldo Rafael, escolhido para falar da historia do Brasil, logo veio o interesse pela historia da África, mesmo com pouco recurso.

A partir do ano de 1990, Osvaldo Rafael retornou o estudo da historia da África, dispondo de novas informações e com mais recursos para estudar sobre a África tinha se tomado mais fácil e interessante. Levou a historia da África a diversos meios de ensino e escolaridade principalmente nas periferias o que levou a concluir que duas atitudes tinham sido comuns a todos os grupos, uma delas era a perplexidade diante da riqueza impensável na sociedade brasileira sobre as sociedades africanas, a outra era a resistência.

A dificuldade maior não estaria em estudar a história da África, nem tão pouco os recursos o maior desafio que o negro enfrentou desde quando chegou ao Brasil até os tempos de hoje foi o preconceito que desde então dominou europeus a ponto de não enxergar a capacidade desenvolvida pela comunidade africana.

Pouco se sabia da história da África seu povo, a sua cultura, a imagem que se tem do negro foi somente a do escravo, naquele tempo pouca importância se dava a história da África, por causa da sua pele escura o negro sempre foi comparado como diferente dos povos brancos. A verdade é que até hoje o preconceito ainda continua o negro sempre foi comparado ao que era ruim.

[...] são mais turrões e mais predispostos ao desespero e ao desânimo do que os das outras duas raças. Os Angicos são mais altos e mais bem feitos; tem no rosto menor número de traços africanos; são mais corajosos, mas astutos e apreciam mais a liberdade. É preciso tratá-los particularmente bem, se não deseja vê-los fugir ou se revoltarem (...) os mongolos são os menos estimados; são em geral pequenos, fracos, muito feios, preguiçosos e desanimados; sua cor tende para o marrom e são os que se compram mais barato. (MATOS 2007, p.115)

Mesmo depois de livres os negros enfrentavam vários problemas, para ingressar no mercado de trabalho livre. O preconceito por parte da elite branca dificultava ainda, mas a entrada do negro no mercado de trabalho, para piorar ainda a situação o governo republicano tratou de criar uma campanha de branqueamento.

O que tomou ainda mais difícil o negro conquistar qualquer tipo de trabalho. Tratado pela elite brasileira como selvagem de “caráter bárbaro”, para muitos brancos os negros tinham que ser abolidos da sociedade e até mesmo do país.

Grande parte desse preconceito partiu do próprio governo ao destinar recursos para a imigração europeia, os negros eram excluídos da sociedade sendo assim obrigados a trabalhar nas tarefas mais penosas e de pouca qualificação, trabalhando muito e ganhando muito pouco, os negros aos poucos foram sendo deixados de lado, não só dentro do mercado de trabalho, mas sim esquecido também geograficamente.



Com pouca expectativa de vida e baixos salários, os negros passaram a ocupar as regiões, mais pobres das periferias nas grandes cidades, em pequenas casas nos bairros afastados, sem saneamento básico com pouca condição de higiene, vivendo de forma desumana, o negro vivia com pouca expectativa de vida, com o avanço do desenvolvimento econômico principalmente nas grandes cidades a exemplo de São Paulo, o século XX garantiu a classe operaria e media em especial os negros, mas esperança mesmo ainda sendo os brancos os donos dos melhores trabalhos e a maioria no mercado. O negro também esta conseguindo melhorar a sua condição de vida. Logo eles passaram a trabalhar em indústrias, ferrovias, onde era considerado naquele tempo o setor que mais empregava.

Formado em jornalismo, músicos, advogados, Literatos e funcionários públicos, os europeus começaram a cobrar do governo brasileiro, melhores condições de trabalho com isso formaram grupos de movimentos que ganhou apoio do anarquismo e socialismo, colocando-se contra o governo. Passando a ser minoria, a classe branca percebeu que também precisaria da força do negro para poder derrubar o governo. Juntos e dispostos a lutarem pelos seus direitos os emigrantes europeus juntaram-se aos negros, vários negros passaram a ser líderes dos movimentos. Divulgado em alguns jornais, criado pela própria população negra o movimento cresceu de tal maneira que foram criadas associações de trabalhadores, tendo como fundador um líder negro, chamado Salvador de Paula.

Outro exemplo foi Eugênio Wauswit nas décadas de 20 de forma mais organizada, e mais rigorosa os imigrantes, foram ficando esquecidos pelos empregadores e pelo governo. Logo surgiram oportunidades de empregos a classe pobre, assim mais negra aderiu aos movimentos se organizavam em associações, onde o principal objetivo era celebrar a sua cultura, através da música, que sempre foi o ponto forte da comunidade negra principalmente nos terreiros.

Dessas reuniões foram surgindo os grupos carnavalescos o que hoje chamamos de escolas de samba, consideradas a maior festa popular do Brasil. Os negros sempre sentiam dificuldades de divulgar as suas festas, a imprensa brasileira não dava muito espaço para os negros, não tinham o direito de reivindicar melhoramento para a população.

Esse tipo de preconceito só serviu para dar mais forças ao negro, o que seria, mas uma conquista da classe negra, passando assim a criar o seu próprio jornal. Dono dos próprios jornais o negro passou a divulgar mais a sua cultura, a lutar com mais liberdade pelo direito de igualdade.

[...] A dança habitual dos negro sempre foi o batuque. Apenas se reúnem alguns negros e logo se ouve a batida coordenada das mãos; é o sinal da chamada e de provocação a dança. O batuque é dirigido por um figurante; causando certos movimentos do corpo que talvez pareçam demasiado expressivos; são principalmente as ancas que se agitam; enquanto o dançarino faz estalar a língua e os dedos, acompanhando um canto monótono, os outros fazem circulo em volta dele e repetem o refrão. (MATTOS 2007, p.178)

Uma dança encantada pelos negros o batuque sempre foi um ponto forte da dança dos escravos, principalmente nos domingos, feriados e festas religiosas, os escravos ao lado de outras pessoas, saíam das propriedades e se deslocaram para os centros das ruas dançando e festejando os seus costumes e manifestações das suas culturas.

O batuque era uma característica forte das manifestações dos escravos. Pois era uma dança de movimentos leves. Há vários relatos sobre o batuque, cronistas, viajantes e até mesmo os religiosos que passaram no Brasil no século XIX diziam que entre o batuque a algumas danças da África havia grandes semelhanças, principalmente no Congo e Angola. Aqui no Brasil o batuque tinha grande influencia da religião católica a ser valorizada em rituais e festas tinham grandes influencias com o mundo espiritual.

Existia também varias outras manifestações culturais influenciando as rodas musicais que os africanos praticavam é o caso do lundu e o samba. O lundu, também dançada pelos portugueses, ao som de violões, por um ou mais pares “[...] acontece muitas vezes que os negros dançaram sem parar noites inteiras escolhendo por isso, de preferência, os sábados e as vésperas dos dois dias santos.” (RUGENDAS,2007 p.79).

Desde quando chegaram ao Brasil os escravos não trouxeram somente as danças, os ritmos. Eles eram contratados para o trabalho domestico no interior dos casarões dos engenhos. A influencia africana na culinária brasileira, o modo de preparar essas refeições ganharia cada vez mais a confiança dos senhores das fazendas o que atraiu também era a variedades dos

alimentos, como o azeite de dendê, a banana, o café, a pimenta malagueta, o óleo de amendoim, a abóbora, o quiabo, entre outros como a farinha de mandioca usada antigamente nos engenhos para fazer bijus.

Uma herança que ainda hoje está presente no nosso dia a dia, como por exemplo, a tapioca feita da farinha de mandioca, produto muito utilizado pelos negros antigamente.

Devido o Brasil ser um país, com diversos grupos sociais, a relação de cor e de raça desses povos deu ao Brasil grande influência na cultura, nos costumes e principalmente na nossa religião o que de certa forma dividiu a crença de cada um, e assim surgiu o islamismo, onde os africanos muçumanos por chegarem à maior número, mudando diretamente para o estado da Bahia, esses muçumanos religiosos ficaram conhecidos como malês por utilizarem na sua religião como amuletos patuás ou bolsas de mandigas.

O que era considerado comum na África Ocidental no Brasil era proibido, existia o calundu isso era representado pelos curandeiros, onde eles usavam vários tipos de ervas para ajudar a fazer adivinhações e possessões. Os curandeiros tinham grande influência na comunidade, eles eram considerados importantes líderes religiosos. Esses curandeiros sofriam grandes perseguições das autoridades locais.

O candomblé tem suas primeiras influências no Brasil no século XIX. No candomblé as pessoas se juntavam e praticavam os seus rituais em formas de oferenda. Tinha também as irmandades religiosas dos homens de cor e a festa de reis e rainhas negras, era outro tipo de religião que os africanos praticavam em forma de organização logo surgiram vários outros tipos de irmandades, no Brasil na verdade as irmandades, na África, por exemplo, muitos africanos principalmente da região do Congo-Angola, as irmandades católicas na África, devidas ao contato com a doutrina católica a existência de alguns reinos do catolicismo. O catolicismo teve um importante papel nas irmandades católicas, pois foi através do catolicismo que se criou a irmandade Nossa Senhora do Rosário.

Como podemos notar ao longo das décadas a cultura da África sempre foi e ainda é uma forte influência o povo africano pouco a pouco ajuda a construir o nosso país. Ao contrário

do que pensava os imigrantes europeus, levados a trabalhar como cativos em varias atividades esses escravos sofreram barbaridades com o sistema escravista.

Apesar dos obstáculos, os africanos e seus descendentes ainda encontraram formas de se organizar e manifestar suas culturas, como as congadas, os maracatus e a capoeiras era o jeito que os negros achavam para lutar contra a discriminação e a segregação racial. Essa influencia também dava inicio a novas criações como os afoxés e blocos afros, os gêneros musicais, maxixe e samba, o atual movimento hip hop, formado assim, o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira. Hoje consideramos parte integrante da cultura brasileira.

Toda essa luta dos africanos de preservação de seus costumes, para que toda a sua cultura não fosse esquecida pela sociedade, e principalmente a luta contra a discriminação, transformou a sociedade.

A África ultimamente esta dividida em três grandes áreas: ocidental, centro-ocidental e oriental, África ocidental compreende os territórios entre os rios Senegal e Groes. Já a área centro-ocidental se estende o rio Congo e o rio Cuanza, e finalmente a oriental que abrange os territórios entre os rios Limpopo e Zambeze (MATTOS 2007);

Devido a morar as margens dos rios o povo desse continente começou a desenvolver a agricultura, eles também pescavam e caçavam e começaram a se organizar em aldeias. Uma herança até hoje conservada por eles.

## **2º CAPÍTULO: AFRODESCENDÊNCIA E PRÁTICAS ESCOLARES**

É comum se ouvir que na minha escola não existem preconceitos. A escola tem como obrigação preparar seu aluno para que ele possa desenvolver na sociedade o seu papel de cidadão, e o mais importante é saber que são pessoas que tem direito a uma vida digna, tanto socialmente como economicamente, independente da sua cor, raça, sexo ou religião. Atualmente a escola tem o papel importante na educação que é incluir na escola todas as classes sociais, o que era diferente de antigamente, onde a educação era voltada somente para a elite. A discriminação era tanto, que mesmo tendo direito, não era todos que tinha acesso a escola.

É bem verdade que a escola esta incluindo o aluno, mas será que ela tem uma educação de inclusão voltada para criança pobre, negra e também deficiente, que tipo de educação é oferecido a esses pequenos cidadãos. Os conteúdos estão ajudando na aprendizagem dos alunos, eles estão sendo tratada igualmente pelo professor, a escola desenvolve projetos que possa beneficiar os alunos.

Ao incorporar no seu cotidiano estratégias que completem as necessidades específicas de seus alunos todo profissional estará evitando que as crianças negras passem por constrangimentos do preconceito, o de ser comparado com apelidos relacionados à sua cor. A expressão usada por outros coleguinhas, deixa na criança o sentimento de incapacidade, comparar a criança de pele branca ao que é bom e bonito é outra forma preconceituosa contra a classe negra. Ao educar uma criança o educador deve pensar no que essa criança ira se transformar futuramente, ou seja, a boa conduta da criança ajudando a ele a ser defensor dos seus direitos.

Hoje muitas escolas e profissionais estão se envolvendo cada vez mais com a questão do preconceito racial. O chamado rompimento do silencio. Eles estão se preocupando cada vez mais com o respeito as diferenças. Em algumas essa atitude já esta fazendo a diferença incluindo os parâmetros curriculares nacionais, abolindo o tradicionalismo de como era

ensinado a história do negro antigamente. Muitas escolas juntamente com a comunidade negra, estão se engajando em projetos que abre a mente e dão oportunidade para o negro no mercado de trabalho.

Esse trabalho de educação anti-racista deve começar cedo. Na educação infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa de ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si. De acordo com Bencine (2004).

[...] com discussões e projetos bem elaborados, é possível combater o preconceito racial que existe, sim, na escola. Está em suas mãos, professor, o sucesso dessas crianças negras e brancas como alunas e cidadãs. (BENCINE 2004, p.47)

O professor deve trabalhar sugestões no cotidiano escolar, através de projetos interdisciplinares no decorrer do ano letivo. Pode usar as datas comemorativas Brincando ele pode ensinar o significado de cada uma. Montar peças de teatro, poesia, fazendo jogos e brincadeiras. Esses projetos contribuem muito para o desenvolvimento da criança proporciona oportunidades de pesquisa e produção de texto assim como desenvolver o raciocínio, a criatividade e o senso crítico desse aluno.

Promover atividades históricas, geográficas e culturais que vem auxiliar o conhecimento da criança em relação a cidadania: esses projetos também podem auxiliar o jovem estudante negro na sua formação profissional, principalmente nas escolas públicas. Já que a questão social não é uma questão do negro, mas sim da sociedade em geral.

[...] A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar as crianças deixam de pertencer exclusivamente a família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (CAMIEZ, 1991, p.33)

A escola tem que planejar o que será melhor para o seu aluno, e isso é valido para todas as classes sociais, sem nenhuma discriminação de raça. Proibir o aluno de participar de tarefas, de brincadeira só porque a criança é pobre ou negra é crime, a escola ela tem que sempre estimular o seu aluno. Apesar de ser o principal responsável pela educação da nossa sociedade a escola e, si só ela não combater o racismo, a discriminação, esse é um

problema de todos nós, às vezes o racismo parte da própria família e às vezes vêm do próprio negro, principalmente as de classes baixas. Por isso a escola precisa trabalhar com a inclusão da família do aluno, ou seja, o ambiente em que essa criança convive, a comunidade também influencia na formação da criança.

Se a criança vive em uma família desestruturada, pais alcoólatras, drogados e na maioria desempregados, essa criança tem a tendência a ter baixo rendimento na escola, mas isso se dá mais na classe negra, já que essa população é marcada por poucos avanços, por possuírem o menor nível de escolaridade. A criança negra é capaz de desenvolver o bom potencial no seu currículo escolar. O jovem que mora na favela, tem méritos próprios, muito deles não estão na escola somente para comer, para bagunçar a aula do professor, a escola tem que planejar juntamente com professores, diretores e agentes administrativos como ela receberá o aluno.

Os PCNs de 1998 apontam para os valores práticos do conceito de desigualdade social, rompendo com o silêncio, e a indiferença, as diversidades presentes no campo escolar. O livro didático usado pelo professor às vezes deixa na criança o sentimento de insatisfação, ou de decepção, já que o livro é o primeiro contato da criança. Segundo os PCNs o livro didático sobre aspectos de diversidade humana, tanto física, biológica, social e cultural.

A questão do racismo no livro didático só foi ser vista a partir dos anos noventa, por determinação de alguns religiosos inclusive alguns padres negros, eles criaram um dossiê, pois não concordavam com a forma em que era tratada a questão racial pelos livros aonde chegaram a criar uma cartilha, o sonho de Talita. Em estudos feitos mais tarde concluiu que o livro didático tinha um grau de influencia em relação a discriminação racial, principalmente nos anos 30 e 50, onde a imagem do negro era comparada a ignorância, a verdade é que nenhum conta a historia real do negro.

Desde sua chegada ao Brasil até hoje os negros vem lutando pelo seu reconhecimento. E com isso o negro foi criando a sua historia. O crescimento do negro dentro da sociedade já é um dado importante, podemos ter mais iniciativas educacionais de entidades diversas, de

trabalhadores em educação destinados a população que é colocada em situação de desvantagem pela situação de pobreza que lhe são impostas. Apesar das dificuldades daquela época e as de hoje como, a discriminação, as desigualdades sociais e raciais, na vida de cada um e na educação recebida pela classe menos favorecidas acreditam que há sim razões para prosseguir lutando pela cidadania e por igualdade racial social pelo respeito às diferenças.

[...] Os grupos sociais que vivem em condições impostas de exploração, dominação discriminação, esmagamento de identidade e negação de direitos fundamentais, como o direito ao trabalho, terra, moradia, remuneração digna, cuidados com a saúde, acesso a educação formal reconhecimento cultural e participação política, com desta que para a população negra, que entre outros problemas ainda enfrenta o que nos parece um fator decisivo de bloqueio a sua participação na sociedade: o racismo e a discriminação racial. (NASCIMENTO, 1999).

Hoje no Brasil dos anos 90, os grupos que se encontram em desvantagens sociais, estão sendo incluídos nos programas nacionais dos direitos humanos, impostos pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso nos anos de 1995 a 1998. Reconhecendo assim a existência de desigualdades sociais e raciais em todo o país. O governo considera também a incrementarão de ações afirmativas para o acesso dos negros aos cursos profissionalizantes e a universidade. O governo criou o sistema de cotas, decretado na lei 3524/00, que institui 50% das cotas para estudantes da rede pública, onde 40% são destinados a estudantes negros e pardos.

Segundo pesquisa realizada com história e estudos sociais a falta de formação e de informações é apontada como um dos principais obstáculos para abordar temas de diversidades na sala de aula principalmente o preconceito racial. Para os professores abordar a história do índio e o preconceito sofrido pelo nordestino são bem mais fácil do que falar preconceito racial sofrido pelo negro, ou seja, o professor ele pode está tirando da criança à oportunidade de conhecer a sua história, e se reconhecer como negro. Segundo Pinto (1998).

[...] Importância do professor na implantação de qualquer ação visando a multiculturalidade e a erradicação de atitudes discriminatórias, através do material didático, do currículo. Um professor aberto e receptivo a essas propostas



será um mediador eficiente dos mesmos, tanto na tarefa de aula, como representante de etnias não brancas. Obviamente, essa é uma atitude que supõe formação e muita informação nesse campo, que o professor se sensibilize para essas questões e a adquira competência para tratar das mesmas. (PINTO 1998,p.46)

Hoje o processo histórico dessa construção de conhecimento incluiu a luta para alcançar direitos e serem reconhecidos como é o caso das camadas populares e os grupos sociais marginalizados.

Tecer reflexões a partir do afro-brasileiro é com certeza um grande desafio que descortina horizontes, na música, na arte, na poesia, na literatura, na mídia, na sabedoria popular, de forma que o caráter científico não deve negar ou reprimir as emoções, os sentimentos e a força política e cultural presente nas atitudes, ações e acontecimentos históricos. Primamos pela veracidade das informações, porém não traçamos uma linha do tempo e da história de modo unidimensional e retilíneo, porque a própria história tem continuidade e rupturas, de acordo com a posição e a compreensão de quem a faz e a descreve.

O Brasil pode ser comparado a uma grande aquarela onde o negro, o “preto” não está individualizado, mas é um componente interno a cada uma das cores. Na formação do povo, a partir principalmente das matrizes indígena, africana e europeia há toda uma mistura nas raças que forma um colorido todo especial.

O racismo originado na cultura ocidental justifica a desvalorização de grupos de pessoas em relação a outros, visando sempre à exploração do grupo minimizado, baseando-se sempre na cultura ou na condição social. Exemplificando, historicamente na Grécia o racismo era baseado na falta de cultura porque estes se achavam mais cultos do que outros povos já no império romano predominaram as discriminações fundamentadas na condição social.

Vejamos por exemplo, as histórias da Rainha Nzinga angolana e seguidamente da princesa Aqualtume, Avó de Zumbi dos palmares trazida para o Brasil para o trabalho escravo. Histórias desconhecidas e inimagináveis, por causa da concepção de África divulgada pela mídia, e pelo currículo escolar, principalmente pela visão racista e androcêntrica brasileira,

de que um continente massacrado pela fome e pela AIDS e que não tem organização e formação política.

A rainha Nzinga Mande nasceu em 1583 e faleceu aos 80 anos em 1663, era filha de Nzinga a Mande Nula Kiluaje e Guengueja Cakombe. Era Rainha dos reinos Ndong e Matamba no século XVII localizados na região sudoeste. Rainha na língua kimbundu significa Ngola e curiosamente por este ser o seu título os portugueses ao colonizar a região sob seu domínio denominaram de Angola.

O seu reinado aconteceu em um período de grandes conflitos e se consolidou exatamente por este motivo. Ela enfrentou a fase inicial e, portanto mais violenta da radicação do poder dos portugueses aquela zona, também do tráfico de escravos/as. Este processo do tráfico vale aqui ressaltar, que não era em hipótese alguma um processo passivo, mas, ao contrário, havia muitas lutas.

A constituição Federal, Art. 205 de 1998, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão/a ou a profissional.

A constituição Federal de 1998 dá-se oficialmente ao tratamento a esta população, não pelas injustiças sofridas ou para reparar as perdas, mas por causa do próprio caráter democrático desta Constituição. Neste período, mesmo vivendo em uma sociedade de classes vamos ter praticamente para com o africano o sistema de castas, pois se consideramos a educação como espaço de cidadania e de ascensão social vai-se ter uma escola inacessível por efetivamente cinco séculos.

A necessidade de políticas específica para a população negra desde a Educação Infantil o Ensino Fundamental até a Universidade. Traz os seguintes dados ilustrativos desta situação de desigualdade entre brancos e negros na educação:

[..] Pessoas negras tem menor número de anos de estudos do que pessoas brancas (4,2 anos para negros e 6,2 anos para brancos); na faixa etária de 14 a 15 anos, o

índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas na mesma situação; cerca de 15% das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, enquanto 40,5% das crianças negras, na mesma faixa etária, vivem essa situação. (RIBEIRO 2005, p.07).

A criação da SEPPIR pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e da Lei 10.639/03-MEC que altera a LDB ( Lei de Diretrizes e Bases) de 1996, que institui a obrigatoriedade do ensino da aplicabilidade de forma completa e fechada da prática tradicional de ensino na sala de aula.

Neste espaço é que se consolida a proposta da lei 10.639/03 no currículo. Uma vez que o currículo negligenciou o ensino da história deste continente ao longo dos cinco séculos de colonização.

Seguida de uma efetiva atitude interdisciplinar dois professores, surge uma nova organização escolar burocrática, administrativa e pedagógica que se expressa na elaboração coletiva do projeto pedagógico e organização e gestão de toda a escola. A interdisciplinaridade não visa extinguir a especificidade das disciplinas ou áreas do conhecimento, mas busca viabilizar a integração das mesmas também através da prática curricular dando ênfase ao trabalho conjunto com: projetos, temas geradoras, problemas sociais, temas transversais sugeridos pelos PCNs ( Parametros Curriculares Nacionais) dentre outras possibilidades.

Se a escola é instituição social e se sociedade na qual esta inserida é racista, não só esta se torna vítima como reproduz o racismo, de forma que, tem também a obrigação de com a sociedade entrar na discussão do combate a esta prática racista social. Até porque “o racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive à escola.”

As diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana aprovadas pelo MEC (Ministério da Educação) são desde já, uma prova nacional da existência da discriminação e exclusão étnico-racial no sistema escolar brasileiro. Revela faces históricas do preconceito e da

discriminação racial quando objetivam nas palavras de Tarso Genro corrigir as injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro.

A partir da Lei 10.639/03 que obriga o ensino da história e cultura Africana e afro-brasileira, a escola ainda aquém as discussões empreitadas, principalmente pelo Movimento Negro organizado, como que acorda para estas discussões a cerca do preconceito, do racismo, da discriminação nela presente. Varias são as metas e Diretrizes que podem guiar este novo desenho curricular, mesmo que após cinco séculos de convivência, de miscigenação com o africano a escola ainda se sinta despreparada para lidar com estas questões.

A discriminação se expressa desde as piadas do censo comum até o sistema sócio, político e economicamente organizado resultando em um quadro de desigualdades de direitos, e oportunidades sociais e econômicas entre negros/as mestiços/as e brancos/as.

A criação da (SECAD) Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade representam o caráter excludente histórico que teve no Brasil os sistemas sociais e de ensino. No discurso do então ministro da educação, Tarso Genro encontra-se a seguinte apresentação da SECAD:

[...] O Brasil, ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem...". A Constituição da SECAD traduz uma inovação institucional. Pela primeira vez, estão reunidos os programas de alfabetização e de educação de jovens e adultos, as coordenações de educação indígena, diversidade e inclusão educacional, educação no campo e educação ambiental. Esta estrutura permite a articulação de programas de combate à discriminação racial e sexual com projetos de valorização da diversidade étnica. (GENRO, 2005).

## **2.1 PRINCIPAIS CONCEITOS PARA O ESTUDO DE AFRODESCENDENCIA.**

Afro-brasileiro – Adjetivo usado para referir-se à parcela significativa da população brasileira com ascendência parcial ou totalmente. O termo tem patrocinado uma calorosa discussão sobre quem representa, efetivamente, esse seguimento populacional no Brasil. Principalmente depois dos posicionamentos oficiais em relação à reserva de vagas, pelo

sistema de cotas, para negros na universidade. (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004).

Negro – Termo que, de acordo com a significação dada pelos dicionários, significa de cor escura, muito escura; que pertence a raça negra. De acordo com a realidade brasileira, o tempo negro é um conceito político. Ser negro é um conceito político. Ser negro é identificar-se e reconhecer-se como tal. (Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro – 2004)

Movimento negro – Organizações sociais da população afro-brasileira, no sentido de lutar pelo fim do racismo, do preconceito e das discriminações raciais, procurando assegurar conquistas sociais, defender os direitos e promover a valorização do negro e de sua cultura. (Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro – 2004)

Racismo – Crença segundo a qual as capacidades humanas são determinadas pela raça ou grupo étnico, muitas vezes expressa na forma de uma afirmação de superioridade de uma raça ou grupo sobre os outros. Pode manifestar-se como discriminação, violência ou abuso verbal.

Anti-racismo – Termo que designa um movimento de rejeição consciente ao racismo e suas manifestações (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004)

Negritude – Postura de reverência aos antigos valores e modos de pensar africanos, conferindo sentimentos de orgulho e dignidade aos seus herdeiros. É, portanto, uma conscientização e desenvolvimento e valores africanos. A exaltação da negritude tem sido uma das posturas escolhidas pelos movimentos negros brasileiros para a elevação da consciência da comunidade, a fim de fortalecer a luta contra a o racismo e suas mais diversas manifestações (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004)

Etnocentrismo – Visão de mundo que considera o grupo a que o indivíduo pertence o centro de tudo. Elegendo – o como o mais correto e como padrão cultural a ser seguido por

todos, considera o outro, de alguma forma diferente, como inferiores. (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004)

Mulato – é uma palavra portuguesa que significa jovem mula. Foi usado nas Índias ocidentais e nos Estados Unidos para se referir a crianças de herança racial mista. É um termo desumanizante, pejorativo, de cunho discriminatório, mas muito usado no Brasil, sem reprovação social. (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004)

Identificação Étnica – Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa que a faz reconhecer-se pertencente a um determinado povo, ao qual se liga por traços comuns de semelhança física, cultural e histórica. A identidade étnica assumida positivamente é fundamental para a auto-estima do negro e se constitui também uma estratégia necessária ao fortalecimento de seu grupo, na luta contra as injustiças sociais. (Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro – 2004)

Raça – “É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes, simuladas como harmoniosas nada tendo a ver com o conceito biológico de raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira”. (p. 13) in: Relatório das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana – (2004:)

Étnico-racial “É importante, também, explicar que utilização do termo étnico na expressão étnico-racial, serve para arcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor a pele e traços fisionômicos o as também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das origens indígena, européia e asiática (p.13) in: Relatório das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana – 2004)

Ideologia do branqueamento – conjunto de idéias que defendiam a miscigenação, com o objetivo de, por intermédio dos casamentos inter-raciais, transformarem o Brasil em um país branco e, conseqüentemente, promover um processo de extinção da raça negra. Esta ideologia teve grande aceitação pelas elites brasileiras, de 1870 a 1930. Transformar o Brasil, que Ra negro e mestiço, em um país branco foi um projeto implementado seriamente pelos cientistas e políticos daquela época.

Negro – É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor da raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe passar em branco! Este último utilizado na campanha do Negro de 1990. In: Relatório das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de Historia e Cultura Afro-brasileira e Africana – 2004)

## **2.2 ESCRAVIDÃO – ATO DE VIOLÊNCIA DO MAIS FORTE SOBRE O MAIS FRACO.**

Escravidão, também nomeada de escravidão no Brasil, é a prática social em que um ser humano tem direitos de propriedade sobre outro designado por escravo. A escravidão foi comum na Antiguidade em todo mundo, a partir do momento em que o crescimento populacional numa região levou à introdução do conceito de propriedade e, conseqüentemente, de conflitos para assegurar a sua posse.

Resistência negra – diversas atitudes e manifestações de rebeldia do povo negro ante a violência do escravismo. Fugas, suicídios, escravismos, insurreições, organização de quilombos e preservação de sua cultura de origem foram formas de resistir e lutar. O povo negro nunca foi resignado. Sempre resistiu á situação de escravizado. As variadas organizações de resistência do povo negro na atualidade. Intelectuais e trabalhadores, pesquisadores e sindicalistas, grupos culturais, religiosos e sacerdotes do candomblé, jovens da periferia e universitários e a força das mulheres negras espalhadas por todos estes

movimentos impulsionam à luta anti-racismo. Os exemplos dos ancestrais escravizados, negros brasileiros vêm tecendo uma história de preservação da dignidade de seu povo. (Almanaque afro-brasileiro – 2004)

Multirracial – É um termo abrangente, sugerindo pluralidade de heranças por várias gerações. “Na realidade brasileira, podem ser encontrados indivíduos negros, brancos, asiáticos, indígenas. A maior parte da população, sem a menor dúvida, resulta de mestiçagens várias de todos os grupos entre si, em maior ou menor grau”. (Almanaque Pedagógico afro-brasileiro – 2004)



### 3º CAPÍTULO: A QUESTÃO DOS PCNS NA INCLUSÃO DA ESCOLA

Criado pelo MEC desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tem desenvolvido proposta de incluir na escola, temas atuais como ética, cidadania, sexualidade, pluralidade cultural e meio ambiente.

Essa proposta de inclusão dá ao professor, a oportunidade de trabalhar com os seus alunos uma educação de formação que proporcionem condições aos cidadãos de desenvolverem capacidades críticas e criativas para enfrentarem os problemas sociais educacionais político e econômico, dentro da sociedade.

Mesmo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trabalhem em cima de uma perspectiva de orientar melhor o professor, a colocar nos seus projetos e planos de aula, questões referente o respeito a diversidade. É importante ressaltar que isso são questões louváveis, mas insuficiente, se não for combinada a outros esforços de sensibilização, informação, formação, acesso a pesquisas atualizadas e propostas concretas para o tratamento de tema tão delicado como os das relações raciais em sala de aulas. Essa questão requer do professor mais reflexão a escola tem evoluído muito nesses últimos anos, mas os professores ainda mostram dificuldade de trabalha temas em relação a valorização da diversidade étnico-cultural com seus alunos.

A falta de preparação leva ao professor a tratar a questão racial e a diversidade como conteúdo de historia.

[...] formar cidadão livres, conscientes e autônomos que sejam fieis aos seus sonhos, respeitem a pluralidade e diversidade e a diversidade e intervenham de forma científica, crítica e ética na sociedade brasileira. Dessa forma efetiva, mudanças na escola é compartilhar da construção do projeto político pedagógico que transcende a dimensão individual, tornando-se um processo coletivo, dialiticamente essa construção na se desenha sem a existência e articulação dos projetos existenciais das pessoas envolvidas que ao serem explicitados revelam suas crenças, concepções e valores, dando sentido ao ser fazer educativo ( PCNS, 2003, p.19).

Um ponto importante a ser lembrado é a importância do professor na implementação de qualquer ação usando a multiculturalidade e a indicação de atitudes discriminatórias. Mas sim, construir através destas questões lixos de desenvolvimentos para seu próprio crescimento enquanto aluno cidadão.

Outra proposta importante que os parâmetros curriculares nacionais colocam é que, o professor, ao trabalhar a questão das diferenças raciais, não inclua em seus planos pedagógicos somente temas alternativos, que não contribua com a formação do processo de ensino e aprendizado do aluno e até mesmo do próprio professor.

A escola também deveria focalizar a questão das propostas do PCNs de incluir primeiramente em seu plano pedagógico os aspectos de valorização na formação do seres humanos. Como os temas transversais os primeiros orientadores para todas as etapas.

Para isso a escola tinha que primeiramente investir mais na formação dos professores, na escolha do livro didático que introduzissem a temática da diversidade racial no cotidiano escolar, só assim a escola oferecia ao aluno a possibilidade de diferentes conhecimentos, até a riqueza de relações proporcionadas pela a convivência entre os sujeitos que vivenciam culturais e hábitos diferentes.

Nessa perspectiva o professor não deve tirar do aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento, mas buscar meios que ajude o aluno, a ser mais participativo reflexivo, conhecendo os seus direitos e deveres como aluno.

### **3.1 Educação e racismo no sistema jurídico brasileiro**

A constituição de 05 de outubro de 1998 estabeleceu para educação brasileira o novo parecer de inclusão de igualdade racial para as escolas. Segundo a constituição é dever das escolas garantir a todos os alunos uma educação de boa qualidade, isso inclui a pluralidade racial e o respeito a valores e princípios humanos.

O artigo 23, “é competência comum da união, estados e municípios proporcionarem os meios de acesso a cultura, a educação e a ciência”. Disciplinando esta regra de colaboração entre as entidades federativas, a lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996) no que se refere aos níveis de ensino, a LDB procede a seguinte demarcação.”

É responsabilidade dos municípios, garantir a educação infantil, a criança de 0 a 6 anos atendidas em creches e pré-escolas. É dever e obrigatoriedade do estado garantir a educação de jovens e adultos ficando destinada também aos jovens e adultos privados do acesso ao ensino na idade regular.

Dicção do art. 205 da lei maior “a educação é direito de todos e dever do estado”. Art. 206, a escola deve garantir a igualdade de condições para que toda criança e jovens tenha acesso e permanência nas escolas. É dever da família e da sociedade acompanhar o desenvolvimento escolar, assegurando a criança e o adolescente, o direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar comunitária, além de colocá-lo salvo de qualquer forma de negligencia, discriminação, exploração, violência e opressão.

### **3º CAPÍTULO:**

## **PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISES DOS DADOS**

### **3.1 Metodologia da Pesquisa- Estudo de Caso**

Diante da pesquisa do tema: Diversidade racial, trabalhamos com o estudo de caso que para Matos, (2001, p. 58) “utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente aprofundando seus aspectos”.

Também trabalhamos com a observação, que para Matos ( 2001,p.58): “É uma técnica muito utilizada, principalmente, porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista”.Com a observação tivemos acesso a muitas informações da turma do 2º ano e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Matilde de Castro Bandeira.

Para os gestores, professores e alunos, aplicamos o questionário, que para Matos (2001,p.60) “Essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença de pesquisador, o investigado responde por escrito a um formulário com (questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio”.

De acordo com os questionários, esse deve possuir um cabeçalho, os objetivos e a importância das respostas corretas.

### **3.2 Caracterização da Escola**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Matilde de Castro Bandeira está localizada no Bairro Vida Nova, Pombal-PB.

A Escola atende às crianças do ensino fundamental e adultos do EJA, os mesmos são de família com renda inferior a um salário mínimo.

### **3.3 Análises dos questionários do gestor**

Ao entrevistar a diretora da Escola Municipal do Ensino Fundamental Matilde de Castro Bandeira indaguei com relação ao tema preconceito racial, se a escola atende algum aluno afro-descendente, a mesma respondeu que sim, mesmo recebendo um

numero razoável de alunos existe sim alunos afro-descendentes, acho que hoje a escola está se preparando melhor para atender todas as necessidades dos alunos. O sistema da escola trabalha em cima da necessidade dos alunos.

A escola tem uma relação muito boa com os alunos, mas falar do tema afro-descendentes para criança e um pouco delicado, mas acho que e obrigação da escola sim abordar os temas transversais, e importantes para que a criança conheça melhor desde cedo a verdadeira origem do seu povo.

Em uma sociedade onde o preconceito e visível ensinam desde cedo a si identifica com sua raça sua cor e muito importante para combater o racismo entre as pessoas e principalmente ensine o respeito entre os seres humanos a identidade do sujeito depende também da relação que o sujeito cria com o seu corpo vivo sua cor e verdadeira origem (COSTA 1983,P.6)

A história do negro vem de bastante tempo atrás, onde homens e mulheres negros em vitimas da escravidão. Com o passar dos tempos essa ideologia de que ser negro era ruim passou, os negros ganharam com bastante luta o direito de ser valorizado pelo seu trabalho, e hoje o sistema de cotas só vem aumentando ainda, mas a certeza da oportunidade que quebrou um pouco o silencio da questão racial e do preconceito sofrido pelos negros.

### **3.4 Análises dos questionários do professor**

Professor em sua sala de aula algum aluno já sofreu racismo, creio que não, pelo menos em minhas aulas não, mesmo porque as crianças são bastante pequenas e ainda não tem noção de racismo.

Na verdade em relação a essa questão a resposta da professora não ficou para mim uma coisa totalmente concreta, acho até que ela não esta muito por dentro do assunto preconceito em relação à metodologia ,qual seria a mais adequada para utilizar na classe, onde os alunos tenham, ou tiveram atitudes racistas.

A nossa escola pouca trabalha temas assim relacionados ao preconceito, as nossas metodologias e sempre, mas ligados a matemática e português e etc. A não ser que no dia 13 maio nós professores fazemos um relato completo de como foi a chegada dos escravos no Brasil.

E o educador qual seria o papel dele, nós educadores temos bastante importante na vida de nossos alunos, onde muitos desses alunos nos vê como exemplo de vida, a questão de discutir o preconceito em sala de aula requer reflexão e um alto planejamento escolar.

Concordo plenamente com a professora quando ela diz quer a escola tem que primeiro discutir refletir em cima dessa questão planejar, essa questão planejar que será melhor para o seu aluno.

Em relação ao sistema de cotas para alunos negros. O sistema de cotas é bastante complicado de entender, mas na sociedade que vivemos hoje onde o negro vem conquistando cada dia, mas o seu espaço é muito importante.

### **3.5 Análises dos questionários dos alunos**

Ao aplicar os questionários para algumas crianças da 2ª série da escola Municipal Matilde de Castro Bandeira, eu me deparei com diversas respostas diferentes onde a maioria estavam bastante confusos em relação as respostas. Já que se tratava de crianças ainda com pouco desenvolvimento escolar principalmente com o conteúdo abordado sobre o preconceito, ou seja, para algumas crianças o termo afro-descendência nem existe.

Ao perguntar se a escola estava preparada para ensinar sobre o preconceito obtive as seguintes respostas. Em relação à escola as respostas foram poucas satisfatórias. A escola publica pouca fala desse tema, professores os professores quase não dão aula sobre o tema preconceito, quando perguntei se existe algum tipo de preconceito na sala de aula, sim alguns alunos colocam apelidos em outras crianças como por exemplo **nequinho, macaco** entre outros.

Ao perguntar qual seria o caminho para a igualdade social e para que se tenha, mais justiça social, algumas respostas foram as seguintes, as escolas deveriam falar, mais sobre o preconceito para os alunos, e não somente quando chegasse o dia 13 de maio. Em diversos momentos da aplicação dos questionários, se ficou bem claro para os alunos o entendimento das perguntas e respostas.

Ao entrevistar os alunos percebi que primeiro pouco se estuda o termo afro-descendentes, outra o professor está preparado sobre os temas diversos e principalmente a criança que não está preparada para receber esses tipos de informações. A escola ainda dispõe de poucos recursos, em relação ao tema preconceito, os poucos recursos que tem

o professor não prepara para dar uma aula interessante. Ele ainda está muito ligado ao livro didático e o mais importante eles acham que falar do negro já é preconceito. E com essa falta de preparação e também de empenho a criança perde a capacidade de aprender sobre sua origem principalmente a criança negra.

### **3.6 Análise do estágio**

O referido estágio foi desenvolvido com uma turma de 1ª série do Ensino Fundamental, onde trabalhamos com textos e muitas atividades, relacionadas ao tema afro descendência e diversidade racial.

Na primeira semana trabalhamos com vários tipos de textos com referência ao tema. Dentre os textos utilizados estão os seguintes: Balaio de Caio e Chapeuzinho Vermelho, onde os alunos liam e faziam perguntas. Havia também a interdisciplinaridade da leitura com o tema e com os números de matemática. Também utilizamos textos que falavam da Festa do Rosário.

Já na segunda semana utilizamos o texto: Cuidar de tudo, nele identificamos os sinais de pontuação. Houve interdisciplinaridade com o conteúdo meio ambiente e o referido tema. No momento de leitura e participação, percebemos que poucas crianças apresentam dificuldades de leitura. Todos os textos trabalhados eram discutidos.

Na terceira semana trabalhamos com textos diversificados, no qual foi explorado a leitura e o conteúdo dígrafos. Com os textos trabalhados fazíamos uma reaprendizagem de todos os conteúdos vistos durante o ano. Na matemática trabalhamos o dinheiro através de cédulas. Em Ciências exploramos o conteúdo o desperdício da água. Continuamos o tema meio ambiente para História e Geografia, para isso utilizamos o texto: Cidadania e meio ambiente.

E na quarta semana trabalhamos novamente com textos e ditados de palavras através de objetos concretos. Com essa atividade eles demonstraram bastante interesse e desempenho, mas alguns apresentavam dificuldades na leitura e escrita. Trabalhamos também com jogos matemáticos e alguns cartazes.

Ao trabalhar com textos diversificados percebi que o tema afro descendência e diversidade racial ficam um pouco esquecido por parte da escola, ou seja, não há um aprofundamento mais amplo da contribuição dos afro-descendentes e da sua chegada ao

Brasil até os dias de hoje. A escola aborda muito pouco o tema, poucos preferem falar mais nos dias comemorativos, como a abolição dos escravos e o dia do índio. E os professores ainda sentem-se despreparados para falar do tema.

Apesar de algumas dificuldades encontradas no estágio, foi uma experiência muito proveitosa, no qual percebemos que houve bons aproveitamentos da parte dos alunos em relação aos conteúdos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do estágio, onde foi trabalhado o tema: preconceito racial, concluímos que este não é trabalhado e explorado, pois tudo aquilo para as crianças era algo novo e um pouco desconhecido. Mas apesar de serem algo desconhecido, os educadores e os educandos sabiam respeitar uns aos outros e durante todo o tempo não houve nenhum tipo de preconceito entre as crianças.

Ao conduzir esse trabalho, entendemos que o mesmo é muito importante para o conhecimento dos educandos, visto que ainda é pouco trabalhado dentro das escolas. Daí seria necessário mais preparação da parte do professor e da escola, e mais exploração do tema, pois da mesma forma que a leitura e escrita são importantes, a ética, o respeito e o exercício de cidadania também caminham juntos na formação de cidadãos.

Já que a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual, mas sim para moleques famintos, famílias miseráveis, povos doentes e em guerras. Essas idéias distorcidas é a que ainda costumamos ter das pessoas afro descendentes, isso desqualifica tanto a nossa cultura, como a cultura negra que acentua cada vez mais o preconceito e a discriminação racial.

Enfim foi um trabalho muito proveitoso e importante para os nossos conhecimentos, tanto pessoais, quanto profissionais, que com certeza servirão de suporte para a minha formação acadêmica e vida profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCINI, Roberta. Educação não tem cor. In: **Revista Nova Escola**. Editora Abril. Novembro de 2004. p. 46-53.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e africanas**, 2004.

CADERNOS, Cebes.32. **Educação e diferenciação cultural Negros e Índios**;

CURY, Augusto. **Nunca Desista de Seus Sonhos**. Rio de Janeiro. Sertante, 2005.

FORMIGA, Leomarcos Alcântara. Perspectivas de Gestão Escolar. In: GONSALES, Elisa Pereira; MONTEIRO, Aneridis Aparecida (Orgs.). **Interfaces da Gestão Escolar**. Campinas, SP. Editora Alínea, 1999. p. 17-84.

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases**. 1996.

MATTOS, Regiane Augusto. **Historia e Cultura afro-brasileira** – São Paulo: contexto, 2007.

MUNANGA ,Kanbengele . **A importância da historia da África e do negro na escola brasileira**. Mauá/SP 2004;

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro brasileiro**. Minas Gerais, NZINGA/ Mazza Ed, 2004.

SANTOS, Risomar Alves dos. **Formação de Professores e Diversidade Racial: concepções**, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural**.. Brasília.MEC/SEF, 1997.

SILVA Jr., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasileira: Unesco 2002.

# ANEXOS

UNIVERSIDAD FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA ESCOLAR  
CAMPUS PARANÁ

## **QUESTIONÁRIO DO ALUNO**

**Nome:**

**idade:**

**Tempo que trabalha em educação:**

**Formação:**

**Questões**

- (1) Você tem algum aluno afro- descendente ?
- (2) Em sua sala, algum aluno já foi vitima de racismo?
- (3) Qual metodologia seria a mais a adequada para utilizar em sua classe onde os alunos tem atitude racista?
- (4) Qual o deve ser o papel do educador diante do preconceito ou racismo?
- (5) O que você acha do sistema de cotas das universidades para os alunos afro – descendentes?

## **QUESTIONÁRIO DO GESTOR**

**Nome:**

**Idade:**

**Tempo que trabalha em educação:**

**Formação:**

**Questões**

- (1) Você tem algum aluno afro- descendente ?
- (2) Em sua sala, algum aluno já foi vitima de racismo?
- (3) Qual metodologia seria a mais a adequada para utilizar em sua classe onde os alunos tem atitude racista?
- (4) Qual o deve ser o papel do educador diante do preconceito ou racismo?
- (5) O que você acha do sistema de cotas das universidades para os alunos afro – descendentes?

## **QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR**

**Nome:**

**Idade:**

**Tempo que trabalha em educação:**

**Formação:**

**Questões**

- (1) Você tem algum aluno afro- descendente ?
- (2) Em sua sala, algum aluno já foi vitima de racismo?
- (3) Qual metodologia seria a mais a adequada para utilizar em sua classe onde os alunos tem atitude racista?
- (4) Qual o deve ser o papel do educador diante do preconceito ou racismo?
- (5) O que você acha do sistema de cotas das universidades para os alunos afro – descendentes?